

Linguagem e Tecnologia na contemporaneidade: uma apresentação.

*Language and technology in
contemporary times: a
presentation*

Acreditamos que já seja um consenso que Linguística Aplicada não é um campo caracterizado apenas pela aplicação de teorias linguísticas. Para compreendermos como esta noção é ultrapassada e superada, trazemos à baila a visão de Moita Lopes (2009), que argumenta que a superação à vertente aplicacionista da LA é marcada por uma série de viradas epistemológicas. A primeira surge no final da década de 1970 e passa a reconhecer a necessidade de ir além da Linguística e compreender o objeto de investigação (ainda muito centrado no ensino e

GOMES JUNIOR, Ronaldo Corrêa;
LOPES, Rodrigo Esteves de Lima.
Linguagem e Tecnologia na
contemporaneidade: uma
apresentação. **Entrepalavras**,
Fortaleza, v. 11, n. 3, p. 7-11,
set-dez/2021.

aprendizagem) com base em pressupostos teóricos de outras áreas do conhecimento. Em outras palavras, é nesta primeira virada que a unidirecionalidade e o aplicacionismo perdem espaço para a interdisciplinaridade. A segunda virada, observada a partir dos anos de 1990, refere-se à expansão dos contextos observados pelo campo para além de apenas os escolares. É neste momento que a LA passa a reconhecer a interdisciplinaridade e a preocupação passa a ser “com problemas de uso da linguagem situados na práxis humana” (MOITA LOPES, 1996, p. 6). Por fim, mais recentemente, temos o

que o autor chama de Linguística Aplicada Indisciplinar.

Ela é indisciplinar tanto no sentido de que reconhece a necessidade de não se constituir como disciplina, mas como uma área **mestiça** e **nômade**, e principalmente porque deseja **ousar pensar de forma diferente**, para além de paradigmas consagrados, que se mostram inúteis e que precisam ser desaprendidos (FABRÍCIO, 2006) **para compreender o mundo atual**. Ou, como diz Stuart Hall (1996) em relação à teorização pós-colonial: um modo de pensar que tem como objetivo **atravessar/violar limites** ou tentar “pensar nos limites” ou “para além dos limites”. Uma LA que, talvez, seja mais bem entendida como **transdisciplinar**, no sentido de que deseja **atravessar as fronteiras disciplinares, continuamente se transformando**. (MOITA LOPES, 2009, p. 19, grifos nossos).

Todas essas são características marcantes da LA contemporânea, um campo transdisciplinar (CELANI, 1998) e transgressivo (PENNYCOOK, 2006), marcado pela oposição a verdades absolutas e significados fixos; pelo pensamento pós-colonial que busca atravessar limites e fronteiras (HALL, 2003); e por uma política de decolonização que questiona os processos tecnológicos a partir de seu potencial epistemologicamente colonizante

(HUI, 2020). Corroboramos com essa visão por acreditarmos que não se trata de abandonar teorizações sobre a linguagem, mas de reconhecermos que elas podem ocorrer na/pela interação de disciplinas e campos do conhecimento diversos.

Ao acompanharmos este percurso histórico, constatamos que todas essas viradas – superação do aplicacionismo, expansão de contextos de pesquisa e legitimação de outros vieses teóricos – conduziram a LA em direção a uma maior relevância social e a uma maior atenção à contemporaneidade. Ora, se nossa preocupação é a compreensão de problemas de linguagem na práxis humana, “Linguagem e Tecnologia” configura-se como uma linha de pesquisa relevante, legítima e necessária na LA, principalmente pelos inegáveis impactos da ubiquidade tecnológica em nossos usos da língua(gem); em nossas formas de conceber o sujeito, o conhecimento, a sociedade, a aprendizagem e a realidade. Como é uma característica da LA, este eixo de pesquisa também se torna multidisciplinar e multifacetado ao buscar contribuições em outras áreas, entre elas a própria Linguística, a Análise do Discurso, a Ciência

da Computação, a Estatística e diversas outras.

É com muita satisfação que apresentamos este número da revista *Entrepalavras* dedicado à Linguagem e Tecnologia. Os 26 artigos que compõem este volume são apresentados por pesquisadores de todas as regiões do Brasil e de outros países da América Latina. Eles refletem diferentes áreas e tendências de pesquisa e foram organizados em seis temáticas principais, que podem ser lidas também como pontos críticos da interrelação entre Linguagem e Tecnologia na contemporaneidade.

A primeira é composta por três trabalhos da área de Tradução. Abud e colaboradores partem da Linguística Sistêmico-Funcional para estudar a Tradução Audiovisual de Pinturas no museu de artes do Ceará, ao passo que Oliveira e colaboradores analisam processos de tradução semiautomática na plataforma Vlibras. Tais artigos representam uma importante contribuição para uma área ainda pouco estudada no âmbito da LA: as Tecnologias Assistivas. Já Borsatti e colaboradores, também trabalham com processos tradutórios caminhando por outra seara, os autores utilizam a linguística cognitiva como base teórica para avaliação de traduções automáticas.

A segunda é composta por trabalhos que refletem sobre a relação contemporânea entre os processos tecnológicos e o ensino e aprendizagem de língua materna e estrangeira. Sanzovo reflete sobre as ferramentas tecnológicas utilizadas por imigrantes e refugiados no aprendizado do português como língua de acolhimento. A língua portuguesa também é objeto de Tavares e Guimarães, que estudam o feedback entre professora, alunos e conteúdo no ensino de língua portuguesa na educação não formal durante a pandemia de Covid-19. A criticidade é o foco de trabalhos como o de Merith-Claras, que propõe uma leitura crítica da BNCC a partir da narratividade da enunciação, buscando traçar o perfil do professor presente neste documento norteador das práticas formais de ensino da língua portuguesa como língua materna, ao passo que Silva e Pinheiro fazem uma análise das concepções de língua, linguagem, leitura e literatura nos Objetos Educacionais Digitais pertencentes a um livro didático.

O ensino e aprendizagem de língua inglesa é o foco de cinco outros trabalhos. Lopes, Vetromille-Castro e Leffa realizam uma netnografia de uma experiência de ensino e

aprendizagem de língua inglesa no contexto do CALL (*Computer Assisted Language Learning*) em um ambiente mediado por uma ferramenta síncrona utilizando o Aprendizado Baseado em Tarefas. As ferramentas digitais também são o foco de Schaefer e Heemann, que discutem como a telecolaboração pode ser um elemento facilitador do diálogo entre pessoas de diferentes países e cultura no ensino de língua inglesa. O próximo artigo, escrito por Oliveira, apresenta uma unidade didática para o ensino de língua inglesa no contexto online, com ênfase na relação entre o humor e a motivação de alunos adolescentes. Valadares e Coelho discutem a recepção dos estudantes em relação ao uso de videogames em atividades aplicadas durante um curso de extensão de língua inglesa. Por fim, Pereira e Araújo estudam a representação de professores sobre a transição das aulas presenciais para as aulas on-line devido à pandemia de Covid-19, utilizando uma metodologia que conta com netnografia e questionários.

O próximo grupo é composto por artigos que discutem práticas discursivas em aplicativos e mídias sociais. Moreira Júnior e Ifa estudam a linguagem e os discursos que

representam masculinidades homoeróticas em um aplicativo social voltado para homens homossexuais, bissexuais, pessoas trans e pertencentes da comunidade queer, relacionando as práticas discursivas com as escolhas ideológicas e seus efeitos sociais. Pascual faz uma pesquisa longitudinal de mídias sociais destinadas a grupos de suporte sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, especificamente o sistema de avaliatividade, ao passo que Lacerda estuda o imaginário ao redor da ação de comentar em uma mídia social. Viana e Tavares analisam a imagem construída de Fernando Haddad (candidato à presidência em 2018) em grupos bolsonaristas no WhatsApp, enquanto Seba e Gallardo refletem sobre o posicionamento de uma usuária produtora de tutoriais em vídeo.

Práticas discursivas e textualidades são os temas tratados pelos próximos seis artigos. Benaglia e colaboradores estudam as disputas de sentido durante o primeiro mês do governo Bolsonaro, comparando as reações da conta oficial de Twitter do presidente às capas de um importante semanário brasileiro. Ayres e colaboradores buscam caracterizar os Booktubers a partir da teoria dos

gêneros de Bakhtin, sendo que Arcanjo estuda as estratégias discursivas presentes em uma temporada de podcasts. O artigo de Cavalcante e Muniz-Lima estuda a construção referencial de textos que circulam em uma mídia social e Ribeiro e Oliveira partem da análise do discurso para refletir sobre a metaforização ao se nomear o ensino escolar em tempos de pandemia, ao passo que Santos estuda a produção de Fanfics a partir de seus recortes discursivos.

Por fim, os processos de desinformação e má-informação são tema dos próximos três artigos. Silva e Silva refletem sobre os modos de organização do discurso em uma publicação falsa em mídias sociais, ao passo que Gonçalves e Cecchin estudam contas inautênticas e sua relação com processos de desinformação em política e Macedo e colaboradores refletem sobre a multimodalidade em notícias falsas sobre Covid-19, tendo como base a Gramática do Design Visual.

Todos os artigos deste volume se caracterizam pela excelente qualidade de seus resultados de pesquisa. Desejamos aos colegas uma ótima leitura.

Referências

CELANI, Maria Antonieta Alba. Transdisciplinaridade na lingüística aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda. (Orgs.). **Lingüística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998, pp. 129-142.

HALL, Stuart. Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite. In: SOVIK, Liv (Org.), Trad.: Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdiger e Sayonara Amaral: **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, pp. 101-130.

HUI, Y. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Da aplicação de lingüística à lingüística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Org.). **Lingüística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009, pp.11-24.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Oficina de Lingüística Aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

PENNYCOOK, Alastair. Uma lingüística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Por uma lingüística aplicada INDISCIPLINAR**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, pp. 67-84.

Os organizadores